

## O CEGO E A CRIANÇA NO MEIO DO REDEMOINHO

*Tatiana Alves Soares (CEFET-RJ)*  
[tatiana.alves.rj@gmail.com](mailto:tatiana.alves.rj@gmail.com)

“Grande Sertão: Veredas”, narrativa que apresenta a viagem do jagunço Riobaldo pelos sertões, metaforiza uma travessia de caráter existencial, em que sua jornada se reveste de aspectos iniciáticos. Estruturada a partir de um entrelaçamento entre passado e presente – por meio de uma narração que revive, à medida que se desenvolve, a história já vivida pelo protagonista-narrador –, a narrativa trabalha simultaneamente com o passado, ao abordar as experiências e aventuras daquele em seus tempos de jagunço, e com o presente, no narrar de tais experiências a um interlocutor. À travessia literal, que abrange toda a evolução de Riobaldo como jagunço, une-se uma espécie de travessia interior, em que o narrar permite o reviver, sendo esse novo olhar em relação ao passado uma tentativa de resgate e de entendimento do que ocorreu naquele tempo. Ao narrar, ele revive sua história, contando-a no mesmo ritmo e ordem em que os fatos se deram, e reelaborando, pela narração, os elementos insólitos que lhe cruzaram o caminho. Nesse ambiente, plural e mítico, ocorre a recusa pelas estruturas fixas e homogêneas, pois ele percebe que muitas vezes nada era o que parecia. Pensando o sertão como espaço de epifanias e contrapontos, em que Bem e Mal parecem surgir no meio do redemoinho em inesperadas veredas, o presente trabalho tem por objetivo uma análise dos personagens Borromeu e Guirigó – o cego e o menino que Riobaldo decide levar consigo, no bando de jagunços –, destacando seu simbolismo e sua relevância na trajetória evolutiva do protagonista.

Palavras-chave: Travessia. Guimarães Rosa. Literatura Brasileira.